

## CONSTRUÇÃO E FORMALIZAÇÃO DO CASO CLÍNICO EM PSICANÁLISE

---

*Ana Paula Lacorte Giansesi*

Psicanalista. Membro da EPFCL e do FCL-SP. Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP.  
E-mail: anapaulagiansesi@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo discorre sobre a extensão da psicanálise e sua clínica, apontando o aspecto contingente da transmissão que nos faz apostar, a cada vez, e insistir nos dizeres sobre o que se faz quando se faz psicanálise. Seguindo a proposta lacaniana de uma “dupla operação”, a saber, um, construir, dois, formalizar, essas linhas insistem na importância da construção do caso clínico e, sobretudo, no esforço da formalização pela lógica, e esta condiz com o discurso analítico, uma lógica que prescinde ora do princípio da não contradição, ora do princípio do terceiro excluído.

**Palavras-chave:** construção; formalização; caso clínico; lógica.

**Abstract:** This article discusses the extension of psychoanalysis and its clinic, pointing out the contingent aspect of transmission that makes us bet, every time, and insist on the sayings about what people do when pursuing psychoanalysis. According to the Lacanian proposal of a “double operation,” namely, one, constructing, two, formalizing, these lines stress the importance of constructing the clinical case and, above all, the effort of formalizing through logic, and the latter matches the analytic discourse, a logic that disregards either the principle of non-contradiction or the principle of excluded middle.

**Keywords:** construction; formalization; clinical case; logic.

Ideia corrente e em certa medida consensual, um psicanalista às voltas com os problemas cruciais da psicanálise prova-os na extensão. A transmissão da práxis, contingente por definição, é o desafio marcado por esse campo inaugurado pelo desejo de Freud. Nessa toada, a importância da construção do caso clínico e, sobretudo, a aposta que se lança, a cada vez, em direção à formalização do caso, revelam-se imprescindíveis.

Farei, aqui, um breve percurso, com o insistente intuito de caminharmos ainda mais nessa direção.

Sugiro que sigamos uma valiosa pista de Lacan.

Em seu “Seminário 16”, ele se referiu à linguagem matemática como uma linguagem formal, uma linguagem de artifício. Os números (símbolos), com os quais se opera o discurso matemático, permitem que este efetue a seguinte “operação dupla”: “um, construir-se, e dois, formalizar-se” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 98).

Podemos percorrer nossa trilha assim: um, construir, dois, formalizar?

Se construção e formalização não são o mesmo, também podem não ser excludentes. Podemos dar os passos da formalização a partir das extrações que uma construção permite?

Vale frisar, ainda, que a história dessa aposta na formalização é bastante importante em nosso campo lacaniano e que encontramos sua escrita em muitos textos de seus membros fundadores. Retomemos, por essa via, a tese de livre-docência de Luiz Carlos Nogueira. Ali, ele propôs que “o analista pesquisador” tentasse “formalizar a experiência para transmiti-la integralmente”. E é muito interessante verificar que, naquela época, ele já afirmava: “Precisamos agora avançar no aperfeiçoamento da utilização dessa formalização” (NOGUEIRA, 1997, p. 139). Isso parece continuar valendo para nós, a saber, a ênfase na operação dois: formalizar!

### **Operação 1: construir-se**

A construção de um caso nos remete a “Construções em análise”, de Freud. Podemos retirar de alguns trechos do texto outras pistas para nosso esforço continuado.

Todos nós sabemos que a pessoa que está sendo analisada tem de ser induzida a recordar algo que foi por ela experimentado e reprimido, e os determinantes dinâmicos desse processo são tão interessantes que a outra parte do trabalho, a tarefa desempenhada pelo analista, foi empurrada para o segundo plano. O analista não experimentou nem reprimiu nada do material em consideração; sua tarefa não pode ser recordar algo. Qual é, então, sua tarefa? Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos *traços* que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*. (FREUD, 1937/1988, p. 276; grifo nosso)

A partir de traços – constrói-se... E se constrói “*por meio da suplementação e da combinação dos restos que sobreviveram*” (ibid., p. 277, grifo nosso).

Pois bem, sabemos que “Construções em análise” é um texto que responde à crítica sofrida por Freud, vinda de Wittgenstein, segundo a qual ele (Freud) havia tratado as razões como causas. O assentimento da razão (ou motivos) teria sido confundido com a causalidade e não haveria, para o filósofo, uma gramática possível para essa transição.

Entretanto, Freud apontou que a construção localiza-se no próprio limite pulsional, ou seja, aponta o vazio. Rastros, apagamentos, traços, repetições. Constrói-se a partir de traços, de restos. É uma construção que se opera em torno do vazio, a fazer o vaso significante. Freud e Lacan puderam tratar a pulsão como causa. No limite intransponível da explicação analítica, o terreno das razões manca. A causa, enquanto espaço hiante, diz do silêncio oco da pulsão.

Uma construção que se dê entre o suplemento e a combinação de restos decorre de um trabalho ficcional e, justamente por isso, uma construção aponta a fixação e provoca um forçamento do sujeito em relação à assunção da causa (vazio/oco).

Suplemento e combinação (como o eixo sintagmático da diacronia) são, então, elementos fundamentais da construção.

Em *O saber do psicanalista*, Lacan (1971-1972) propôs uma definição de interpretação como a intervenção de um analista no discurso de um sujeito, procurando, ali, um suplemento de significante.

Desde cedo, ele esteve atento aos efeitos de significante que bordeavam um elemento faltante. Na direção do tratamento, escreveu que, para decifrar a diacronia – combinação sintagmática – da repetição inconsciente, uma interpretação deveria “introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem [eixo paradigmático] algo que, de repente, possibilite a tradução (...) sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante” (LACAN, 1958/1998, p. 599).

A cadeia significante e o objeto suplementar podem estar em pauta em uma construção em análise. Podemos localizar, então, uma asserção topológica encontrada em “O aturdido”. Ali, Lacan retomava seu seminário sobre a identificação e indicava que o objeto pequeno *a*, na composição do *cross-cap* (da fantasia), designar-se-ia por uma “rodela suplementar” (LACAN, 1972/2003, p. 475); elemento dedutível após alguns giros de uma análise, elemento heterogêneo em relação à Banda de Moebius.

Poderíamos falar sobre a divisão nos modos de gozo, entre gozo fálico e gozo suplementar, mas, por hora, para tratarmos da construção em análise, pensar a cadeia significante que implica o sujeito (e sua evanescência) e o objeto suplementar, isso já parece suficiente.

Pois bem, *S* e/ou a... fantasia:

Em “Bate-se numa criança” (1919/1988), Freud mostrou a construção da fantasia em três tempos:

- Primeiro: meu pai bate numa criança, que é a criança que eu odeio. Há, ali, três elementos: o agente da punição, uma criança que despenca em relação ao amor dos pais e o sujeito em relação a quem a cena se produz.
- Segundo (propriamente construído!): revela a relação ambígua entre sujeito e espancador e, destarte, mostra a precedência do masoquismo – eu sou espancado por meu pai. Freud destaca a fugacidade dessa segunda etapa, sempre reconstruída, e nos coloca o quanto esta engendra a terceira, como um momento de concluir.
- Terceiro: sujeito reduzido ao seu ponto mais extremo. Poderíamos até cogitar que o sujeito apareceria ali como observador, mas nesse momento de concluir o sujeito está reduzido ao olho, aquilo que se apresenta como o ponto último de sua redução ao objeto: bate-se numa criança.

Dizemos, clinicamente, que a fantasia fixa o sujeito no ponto em que a significação (fálica) está perdida. Há um entorno do Real dessubjetivado, fora do sentido, mas que o sujeito neurótico procura captar e fazer corresponder aos predicados fálicos negativizados. Isso costuma aparecer em frases como esta: bate-se numa criança.

O sujeito do inconsciente, da cadeia significante, e o objeto pequeno a compõem os elementos heterogêneos do *cross-cap*. Lacan soube transmitir-nos a equivalência entre a estrutura do *cross-cap* e a fantasia. Podemos, a partir de então, pensar em uma construção de caso que transmita essa superfície? Que transmita algo da construção da fantasia que se opera em uma análise?

Podemos fazer algo semelhante com o matema da transferência (construções que transmitem entradas em análise), com os matemas dos discursos, a questão do diagnóstico ou mesmo os momentos de impasses de uma análise (que resultam, por exemplo, em *acting out* ou passagens ao ato). Ou seja, as possíveis construções devem versar sobre momentos cruciais de algumas análises e ser transmitidas por certo quiasma necessário entre a experiência e os constructos teóricos. O nó borromeano, o grafo do desejo e algumas superfícies topológicas ajudam a provar a necessária implicação entre teoria e clínica.

Enfim, se uma construção em análise comporta o real e se podemos encontrar alguma homologia entre a construção em análise e a construção de caso clínico, naquilo

que esta última é consoante à transmissão da clínica psicanalítica, poderíamos reencontrar uma interessante pergunta freudiana: “como tornar a estrutura visível para os outros?” E, então, manter nossa questão: como escrever o caso? As questões da escrita e da letra se fazem presentes.

### **Operação 2: formalizar-se**

Sabemos que as superfícies topológicas são conjuntos. Enquanto estruturas matemáticas, conseguem definir noções de vizinhança, lugar, fronteira, conjuntos abertos e fechados, etc.

Os grafos, por sua vez, são definidos a partir do par ordenado.

Lacan mostrou, outrossim, as articulações lógicas entre o nodal e o modal. O nó borromeano e a lógica modal provam intimidade nos enlaces e desenlaces clínicos.

Isso para começarmos a pensar que há lógica matemática no que tantas vezes utilizamos como ilustração.

Ao propor o matema da fantasia, Lacan lançou mão de elementos e de operadores lógicos. Sabemos que a disjunção e a conjunção (e/ou -  $\wedge$  /  $\vee$ ) localiza-se entre os elementos  $\mathcal{S}$  e/ou  $a$ .

Outro trecho da tese de Nogueira (1997, p. 138):

Para propor o matema do fantasma, Lacan teve que fazer uso das operações com conjuntos [...] essas operações revelam dois aspectos importantes: 1) Na disjunção de dois conjuntos há perda[;] 2) Na conjunção de dois conjuntos há o conjunto vazio que indica o objeto no fantasma. Dessa forma, no fantasma, se faz a articulação entre o inconsciente (a hiância pelo significante) e o ato (a fala, o objeto da pulsão).

Lacan trazia-nos o matema da fantasia por sua estrutura algébrica (propriamente um conjunto com elementos e operações) e o construiu, mostrou sua estrutura topológica no *cross-cap*. O conjunto vazio está implicado na fantasia. Isso enquanto elemento de todo conjunto.

Há, então, uma aposta lançada que nos orienta pela lógica. Lacan mostra a importância da teoria dos conjuntos. Afirma, mesmo, que o inconsciente é estruturado como os conjuntos:

Ajuntemos essas coisas absolutamente heteróclitas, e nos demos o direito de designar esse conjunto por uma letra. É assim que se exprime em seu princípio a teoria dos conjuntos [...] eu disse que a letra designa um conjunto [...] as letras são, e não, designam esses conjuntos,

elas são tomadas como funcionando como esses conjuntos mesmos [...] ao conservar ainda esse como, me apego à ordem do que coloco quando digo que o inconsciente é estruturado como uma linguagem [...] *o inconsciente é estruturado como os conjuntos que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras* [...] Uma vez que se trata de tomar a linguagem como aquilo que funciona em suplência, por ausência da única parte do real que não pode vir a se formar em ser, isto é, a relação sexual – qual é o suporte que podemos encontrar ao não lermos senão letras? *É no jogo mesmo da escrita matemática que temos que encontrar o ponto de orientação para o qual nos dirigir.* (LACAN, 1972-1973/1985, p. 65-66, grifo nosso)

Para que se sustente o discurso analítico, a escrita matemática parece ser nosso ponto de orientação. E isso porque não há relação sexual. Isso porque há uma parte de “real” que não se faz ser, está excluída do sentido.

Um psicanalista, em seus cálculos, que comportam certo saber sobre o fracasso, promove reduções no campo do significante e do gozo, na visada do “não há relação sexual”. Em uma análise, a superfície do *cross-cap* evidencia-se com seus axiomas, constrói-se fantasia, mas, entre a diacronia e a sincronia significantes, o elemento faltante, a rodela suplementar, faz-se dedutível. Eis uma orientação lógica, em cujo cerne há o que se designa por castração.

Ora, a lógica começou pelas proposições. O silogismo aristotélico a atestou. Tivemos, ali ainda, o princípio da lógica modal. O cálculo lógico, porém, teve seu início com Frege e com a lógica moderna, que, não obstante, não deixou de ser clássica. O cálculo proposicional clássico, como passou a ser conhecido, envolveu, então, proposições que admitiam valores de verdade em valência binária (COSTA, 1999), podendo definir-se a partir de teorias dos conjuntos.

As operações sobre proposições exigiram a presença dos conectivos lógicos: negação  $\neg$ , conjunção  $\wedge$ , disjunção  $\vee$ , condição (ou implicação) e bi-implicação: não, e, ou, se, então, sse! Sendo um sistema simbólico ainda clássico, seguiam os princípios da razão, quais sejam: identidade, não contradição (ou contradição), terceiro excluído e razão suficiente.

O cálculo dos predicados, derivado da extensão do cálculo proposicional, permitiu que conjuntos fossem quantificados. Os quantificadores universal e existencial foram assim introduzidos. Nesse passo, Frege operou uma disjunção entre argumento e função. Segundo Lacan (1971-1972), a função proposicional articulou-se pelo isolamento daquilo que deve funcionar como argumento (o que designou por falta, vazio, buraco, oco).

Um sistema formal está atrelado à sintaxe, às operações dos conectivos lógicos e à presença dos quantificadores. Não me parece que isso seja distante da lógica do significante. E, mais ainda, da lógica do não todo.

Nós, psicanalistas, estamos cientes de não ser amparados por um sistema formal clássico (mas não sem este). Ainda assim, podemos sustentar a presença da lógica e do cálculo em nossos terrenos. Lacan soube mostrar-nos que a psicanálise nasceu justamente de prescindir do princípio da contradição. Freud já dissera que o inconsciente não conhece a contradição. Aliás, os modos gramaticais da negação do eu a amo, eu não a amo o atestam. Pois bem, há lógicas que derogam, justamente, esse princípio. Se há ordens de cálculo que pretenderam apenas expandir a lógica clássica, também há aquelas que contestam a lógica clássica.

As lógicas paracompletas (lógicas polivalentes e lógica intuicionista), que trabalham com no mínimo um terceiro valor, não seguem, por exemplo, o princípio do terceiro excluído (ou seja, de duas proposições contraditórias – uma a negação da outra – uma delas é verdadeira):  $p \vee \neg p$ . Essas lógicas postulam o terceiro valor como indeterminado ou possível. É interessante pensar que Gödel, antes ainda, ao demonstrar a ligação entre a consistência e a incompletude, a um só tempo mostrou que em dado sistema existem proposições não demonstráveis. Para Gödel, “a indemonstrabilidade dentro de um cálculo, ao contrário da verdade e da falsidade, é uma propriedade que pode ser considerada sem referência ao sentido” (KNEALE e KNEALE, 1991).

Lacan com Gödel afirmou que o indecidível é demonstrável no tecido de palavras (e equívocos) que é o inconsciente. E recordemos que ele localizou o indecidível entre o não todo e o não uma (o não há exceção) do lado mulher. Isso posto na formalização que soube fazer da sexuação, da partilha dos modos de gozo. Escreveu assim: entre o contingente e o impossível, o indecidível.

Verificamos, nessas incursões, que a disjunção entre o quantificador universal e o existencial fora fundamental ao exercício da psicanálise. Se, por um lado, Lacan deslocou o universal do necessário, asseverando que não há universal que não seja redutível ao possível, por outro lado, ao aplicar uma negação ao quantificador universal “todo”, de modo a extrair o não todo, subverteu o cálculo fálico. Para o homem, o universal é circunscrito pela possibilidade negativa, já que existe um que diz não à função fálica. Entre este e o “para todo homem, castração” há a contradição. Ou seja, entre o possível e o necessário: contradição.

As fórmulas da sexuação são, efetivamente, uma formalização lacaniana. Cálculo de predicados, conectivos lógicos e quantificadores. Sistema simbólico para dizer dos modos de gozo. Entre o indecível e a contradição, Lacan escreveu a não relação sexual. Ou seja, há ali um dizer que aponta para além do sentido. Desde esse ponto, a lógica modal veste-se com o nó ao mostrar algo que indica o “real”, o impossível (impossível que se prova pela contingência).

Que algo cesse de não se escrever (contingência), isso faz nó!

Pois bem, tiremos proveito de nos proibir o fundamento da contradição (entre duas proposições contrárias, uma é falsa:  $\neg (p \wedge \neg p)$ ). E apelemos ao equívoco para fazer do cúmulo do sentido tonel que faz deslizar o gozo paracompleto: nem um nem outro  $\neg (p \vee \neg p)$ . Além disso, acompanhemos as decisões do indecível feminino (pelo forçamento/*forcing*).

Ao sustentar uma clínica que não segue o princípio da contradição, apostamos, mesmo, que o “formalizado” pode existir desde paradoxos ( $p \wedge \neg p$ ).

Em nosso esforço de formalização, diremos que...

Por um lado, nosso discurso é paraconsistente (derroga o princípio da contradição). Isso na justa medida em que suporta a contradição. Suportamos a estrutura que Freud traz em “Os chistes e sua relação com o inconsciente” no exemplo do caldeirão:

A. tomou emprestado de B. um caldeirão de cobre e após devolvê-lo foi acionado por B. já que o caldeirão tinha agora um grande furo que o tornava inutilizável. Sua defesa foi: “Em primeiro lugar nunca tomei emprestado um caldeirão de B.; e em segundo lugar o caldeirão já estava furado quando eu o peguei emprestado; e em terceiro lugar, devolvi-lhe o caldeirão intacto”. (FREUD, 1905/1988, p. 66)

Ou, ainda, um analisante que diz: “Ele fala, eu não obedeço. Ele pede pra eu parar, não paro. Só obedeço o contrário do que ele fala!” (eu o obedeço e eu não o obedeço)

Por outro lado, nosso discurso é paracompleto ao promover o decantamento do sentido. Nem A nem B. Promovemos, assim, esvaziamentos de sentido.

A analisante que chega frequentemente com dor de cabeça e a atribui ao cheiro do carro de seus pais. Propõe uma brincadeira na qual fica embaixo da poltrona do consultório e diz: sou um consertador de carros. Intervenção: com certa dor de carros? Conserta a dor de carros?



Pelo jogo fônico, com o uso do equívoco homofônico, o analista faz ressoar outra coisa que o sentido neurótico. No mesmo “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, Freud trouxe outra brilhante construção por meio do denominado *Klangwitz* (chiste fônico):

Um jovem, parente do grande Jean-Jaques Rousseau, de quem ele trazia o nome, foi apresentado num *salon* de Paris. Tinha, além do mais, os cabelos vermelhos. Comportou-se entretanto de maneira tão desajeitada que a anfitriã comentou criticamente para o cavalheiro que o apresentou: “Você me fez conhecer um jovem que é *roux* (ruivo) e *sot* (tolo) mas não um Rousseau” (Ibid., p. 37)

A identidade fônica, como Freud nomeia, entre *Roux-sot* e Rousseau, no caso, fez chiste. Uma interpretação que assim equivoque pode fazer uma análise ir além da significação (fálica), cavando lugar para o paracompleto.

## Referências

- COSTA, N. *Lógica paraconsistente aplicada*. São Paulo: Atlas, 1999.
- FREUD, Sigmund (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 8.
- \_\_\_\_\_. (1919). Bate-se numa criança. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 17.
- \_\_\_\_\_. (1937). Construções em análise. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 23.
- KNEALE, Martha; KNEALE, William. *O desenvolvimento da lógica*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- LACAN, Jacques (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998..
- \_\_\_\_\_. (1968-1969). *O Seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972). *O saber do psicanalista*. Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1972). O aturdido. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- NOGUEIRA, L. C. *A psicanálise: uma experiência original – o tempo de Lacan e a nova ciência*. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

*Recebido em 11/8/2015; Aprovado em 10/10/2015.*